

A formação dos apóstolos leigos ①

Afirmar a importância da formação é reconhecer de maneira ± implícita a condição mesma da nossa vida humana e cristã — é reconhecer uma ambivalência fundamental que urge ser resolvida; é admitir que tudo o que nos é dado tem de ser assumido, escolhido, re-orientado; é aceitar que mesmo o dom de

Deus ao ser recebido em
nossos corações de pedra
precisa de ser protegido,
cuidado, para que
fecunde em corações
de carne...

Esta observação pré-
via foi-me sugerida
de forma muito viva
por duas frases de
um livro recente q̄ as
Inf. Cath. reproduziram
e q̄ passo a ler:



Sabeis o q̄ conheço de ⁽²⁾
mais limitado, de mais
mesquinho, de mais me-
tido no seu círculo, de
meus aberto, de mais fuo,
de mais incapaz de amor,
de irradiação e de eficácia
de mais cristalizado, de
mais opaco, de mais re-
fractário, de mais desre-
corajante, de mais des-
provido de humanidade
de mais fora da vida,
de mais alheio à
caridade?

— Um católico.

"E sabeis, pelo contra-
rio, o ^{horizontes} ~~g~~ conhecimento de ~~mais~~
~~raído~~ ~~aberto~~, de mais generoso,
de mais cheio de clari-
dades sobre a vida e os
deuses, de mais aberto a
todos os problemas, de
mais vivo e actualizado no
coração mesmo da vida,
de ~~Fundação~~ ~~capaz~~ ~~de~~ ~~amor~~ e
de calor, de mais irradi-
te, de mais transbordante
de caridade? Sabeis o que
~~me~~ ^{é capaz de me} ~~me~~ dar a maior alegria
e a maior felicidade?
— Um outro católico!"

O q̄ está expresso em ③
afirmações aparente / tão
radicais? ~~A diferença~~

O dom de Deus — a
vida e tudo o q̄ ela com
porta de participação no
Plano da salvação; a
Fé em Jesus Cristo e
a realidade da redenção
pessoal operada no bap-
tismo — é parte de
um diálogo entre Deus
e os homens. (E a
encíclica Eccl. Suam
demonstrou clara/ como
a religião é real/ e
básica/ esse diálogo.)

Não basta q Deus distri-
bua o seu dom; não
basta ~~sempre~~ uma par-
ticipação quase inícuca/
de raiz biológica a
esse dom. É preciso
um acolhimento do
dom, uma resposta
genuína, um esforço
para o desenvolver e
expandir. É aí nesse
acolhimento, nessa resposta e
nesse esforço q se situa
a importância da formação.

Porque em todos nós
dorme latente o fariseu
todos somos capazes de

nos fecharmos sobre (4)
esse dom de Deus e de
segura e instalada o
guardarmos... Em opo-
zição ao ^{homem} q ainda não
encontrou Deus e j
angustiada procura,
q percorre todos os ca-
minhos abertos ao sopra-
do Espírito e q, por isso,
corre todos os riscos e se
abre a todos os afectos,
por communga na condico
trágica da vida, o
faiseu q vive um nó
fecha-se, limita-se,
cristaliza, enferruja,

torna-se alívio ao
grande pulso da vida.

Pelo contrário, a "for-

mação" ~~é~~ ^é ~~uma~~ ^{uma} ~~maneira~~ ^{maneira} ~~de~~ ^{de} ~~se~~ ^{se} ~~tratar~~ ^{tratar} ~~de~~ ^{de} ~~uma~~ ^{uma} ~~questão~~ ^{questão} ~~de~~ ^{de} ~~instalação~~ ^{instalação} ~~no~~ ^{no} ~~regime~~ ^{regime} ~~de~~ ^{de} ~~nos~~ ^{nos} ~~abrir~~ ^{abrir} ~~o~~ ^o ~~reino~~ ^{reino} ~~de~~ ^{de} ~~Deus~~ ^{Deus}

— um fermento na
massa (e não eu-no-mun-
do, mas o fermento de
Jacó de Deus na massa
que sou eu!), ~~um~~ ^{um} ~~tesouro~~ ^{tesouro}
~~escondido~~ ^{escondido}, ~~uma~~ ^{uma} ~~rede~~ ^{rede}
~~de~~ ^{de} ~~uma~~ ^{uma} ~~gênia~~ ^{gênia}, - - - ^{uma} ^{gênia} ^{de} ^{mostarda,} ^{uma} ^{dila-}
tação no amor e na
afarente loucura das
bem-aventuranças.



Falar de "formação⁵
dos apóstolos leigos" equi-
vale assim a equacio-
nar a condição do cris-
tão, ~~no mundo~~, em
função do Evangelho
e em função do mundo
em q̄ o cristão se situa,
para daí podermos
eventual/ deduzir al-
gumas princípios ou
lições gerais de orien-
tação. (X)

~~Mas do q̄ dar solu-
ções feitas - q̄, alias
não existem - ou resul-~~

tados de uma experiên-
cia q̄ é sempre limi-
tada, procurarei escla-
recer algumas pre-
missas de base.

Substituirei os títulos
asser escolásticos q̄ dei
às 3 partes desta ~~con-~~
~~fereu~~ trabalho pelos
dois nros (mas con-
formes cfo q̄ vou
descrever:

I — coordenadas da
formação

II — processo da
formação

(X) Para/ no decurso deste trabalho particularizei a formação para os apóstolos leigos — quando o fizer, ~~tenho em~~ linha de conta não uma função (é neste mesmo a Const. & Igreja ~~tenho~~ ~~uma vez por todas~~ ~~conferir~~ ~~a~~ ~~definição~~ ~~definição~~) mas uma situação. Quer dizer, o que vou ~~dizer~~ é mais sobre a formação do clero do que sobre a formação dos apóstolos leigos. ~~Porém~~ é ~~emerge~~, cada vez mais, do esforço de renovação trazido pelo Concílio (uma realidade Igreja, mais

ampla, mais unificada,
menos compartimentada
em categorias rígidas/defi-
nidas. E se alguma
coisa precisamos de nos
dizer uns aos outros é

q̄ a Igreja é "o único
Povo de Deus" ^{“(cont.)”} ~~q̄ q̄ todos~~ ^{13.}
~~participamos da consti-
tuição do modo "a~~

Fundação Cuidar o Futuro

conhecer Deus na verdade
e a servi-lo na santidade."
(C.I. 39.)

Apesar de acentuar o q̄ é ~~o~~
~~apelo~~ ^{a santidade} comum no apelo
à santidade de todo o
Povo de Deus, não ignoro
q̄ esse povo "comporta

em si mesmo diversidade⁽⁷⁾
orgânica". (C.I. § 13).

Uma ou outra vez, insistirei
em alguns traços da "di-
versidade" q̄ ~~consta~~ carac-
teriza os apóstolos leigos,
mas essa "diversidade"
não a tomo como consti-
tutiva do estado leigo

- antes a considero como
diversidade de situação
decorrente, por um lado,
das condições sociológicas
e culturais, e, por outro
lado, da multiforme
graça de Deus a mani-
festar-se nos carismas
pessoais. (discussão teológica
ainda não resolvida)



Uma outra particularidade
 q̄ deliberada/ não faço é.
 a q̄ diz respeito à forma
 dos apóstolos leigos no
 contexto dos países de
missão. Reconheço a neces-
 sidade de formação mas
 não a considero diferente,
 nas suas grandes linhas,
 de ~~de~~ de formação ~~em~~
 dos ~~distritos~~ distritos nos
 países de velha cristandade.
 Os apóstolos leigos inse-
 ridos numa Igreja con-
 creta missionária vivem
 da mesma vida evan-
 gélica, situam-se em

Fundação Cuidar do Futuro

relação a um mundo
que é, finalmente além da cor
dos seus habitantes ou
da ~~diversa~~ variedade
da sua geografia, sempre
pre o mesmo. — Haverá
por certo necessidade de
acentuar certos aspectos
de compreensão cultural
mas, não se perderá em
meios à qualidade de
apóstolos, leigos e à con-
dição de habitantes deste
planeta deslocando-se
entre zonas diferentes
e devendo fazer face,
de forma positiva, às

diferenças encontradas. ⑨

As consequências de tirar
para uma situação de
missas (no sentido restrito)
terão incidências especiais
como o têm as consequên-
cias referentes ~~a cada~~
~~grupo social~~ a cada
país ou a cada estrato
cultural. (de novo, tocamos
um domínio de discussão teoló-
gica → última pedra, livro de
Danielou, "la prière, problème
politique")?



Ainda Não há no ~~estado~~ ^{estado} ~~mundo~~ ^{mundo}
criado uma sistematizaç
completa da formação dos
apóstolos leigos. (Reunião
de 7 a 10 em Gazzada no
norte da Itália, de uma das
primeiras ~~feiras~~ ^{comis-}
sões ecumênicas de tra-
balho entre a Igreja Cató-
lica e a ^{Fundação Cuidar o Futuro} ~~Comunidade~~
das Igrejas; ¹⁵ Representantes
de cada um ~~em~~ partici-
pantes católicos pertencem
aos grupos de apostolado
leigo q̄ + experiência têm
nesta domínio; dificuldade
de encontrar material
escrito.)

Mais do q̄ dar soluções (10)
feitas — q̄, aliás, não existem
— ou descrever os resultados
de uma experiência q̄ é
sempre limitada, procura-
rei esclarecer algumas pre-
missas de base.

Substituirei os títulos assez
escolásticos q̄ dei às 3 partes
deste trabalho por dois
títulos mais conformes ao
q̄ vou descrever:

I - Coordenadas da
formação

II - processo de
formação



I Coordenadas da formação



91

Quais ~~suão~~ ^{assim} as coordenadas principais da formação? Qual é a "forma" básica, a matriz definidora das atitudes a tomar e dos caminhos a seguir?

Fundação Cuidar o Futuro

A matriz fundamental há-de ser eclesial, porq̃ o apóstolo leigo é, ~~filho de família~~ ^{seu baptismo} membro vivo do Povo de Deus. E ao dizer q̃ a matriz da formação há-de ser

eclesial quero dizer, /
ela há-de ser genuína/
evangélica. A redescob-
erta de uma Igreja ^{mais}
imediatamente enraizada no
Evangelho - nele buscando
a sua inspiração e a sua
norma - leva a procurar
as grandes realidades
de atitude e de ação.
em q se alicerçava a
comunidade cristã primi-
tiva, tão perto ainda da
fonte primeira e, assim,
tão exemplar para todas
as formas do século
seguente.

Como tem sido lapa/ (41)
acentuado, sobretudo desde
o início do Concílio, o mun-
do de hoje pede a Cruz
e a todos os cristãos q
sejam o q devem ser: a
~~Bom Nova de Jesus~~
~~Cristo perenidade~~
Espelha do Evangelho
de Jesus Cristo no
meio do mundo e para
o mundo.



Tomarei como coorde- (12)

radas evangélicas a trilogia
~~hoje~~ ~~tao~~ clara/afirmada
nos Actos dos Apóstolos e
comentada no conteúdo
fundamental & Revelação,
e q̄ tem sido usada pelo
Conselho Mundial das
Igrejas: "Serviço, Comu-
nidade, Ternor muito". Ex-
plicitarei ainda um 4.º as-
pecto, ~~presente~~ ^{implícito} nos outros
3, mas q̄ a Escritura e
a Tradição, tal como
são interpretadas na
Igreja Católica autori-
zam a explicitar: o
culto espiritual e ritual.



Fundação Cuidar o Futuro

(Poderá estranhar-se o facto de usar estes valores evangélicos e não os quadros reconhecidos da ecclesiologia clássica. Faço-o - seguindo de resto uma sugestão ainda não concretizada do P.^o Longar - para evitar estabelecer valores q^e se tentam a sua plena realização nas estruturas do poder-
do'io hierárquico. Fica assim bem clara q^e se trata de valores e atitudes, de qualidade ^{evangélica} comuns a todos os membros do Povo de Deus.)

a) o serviço de Deus e dos (A)
homens

É do catecismo que todos aprendemos q̄ "o homem foi criado para amar e servir a Deus". É uma reflexão sobre o conteúdo bíblico deste serviço q̄ vamos fazer, para q̄ possamos compreender a sua significação no mundo de hoje e daí concluirmos como e q̄ a formação de cristãos vai fomentar essa atitude.

O serviço é uma expressão corrente no AT. Designa, por um lado, uma realidade sociológica: a prestação de um trabalho, ou mesmo a sujeição de um homem a outro homem. Designa, por outro

lado, ² e ³ ^{uma designação q' nos interessa aqui} uma atitude religiosa exprimindo a fidelidade a Yavé. Juntas com os mandamentos da Lei, o imperativo do serviço é indicado a Israel.

"Seguireis Yavé, temê-lo-eis, guardareis os seus mandatos, obedecer-lhe-eis, servi-lo-eis e amá-lo-eis."

(Deut. 10, 12)

O Serviço é assim uma

Fundação Cuidar o Futuro

expressão da relação com Deus — decorre da resposta ao convite de Deus; nasce da reverência perante o seu Amor e a sua grandezã; é paralelo à fidelidade do cumprimento dos mandamentos; é interdependente com a obediência e o amor.

São estas referências que ^(B)
documentais q̄ a ~~serviço~~ atitude
de serviço mantém ao longo
de toda a Bíblia, q̄ se
completam e totalizam em
Cristo e que virão a prolon-
gar-se na sua Igreja e, 55812,
sem cada um dos cristãos.

No Antigo Testamento, o
serviço de Deus é realizado
de forma especial pelos
patriarcas, profetas, sacerdotes,
aos quais é dado o título
de Servidores de Deus. No
Reio de um povo todo ele
considerado ao serviço de Deus,
^{são servidores}
Vocábes especiais de serviço
~~com~~ ~~serviço~~ das cujo sentido
principal é tornar todo o
povo fiel ao serviço q̄ Deus

dele espera.

~~A forma evidente do serviço de Deus é a oferta de dons e sacrifícios - os filhos se relacionam 1 acto de culto "com seu ir pai" (II Sam. 15, 8)~~

~~Mas o que se entende é o q se refere há pouco - o serviço estende-se à vida inteira numa obediência fiel a Deus pelo cumprimento dos seus mandamentos~~

É nesta continuidade de uma vocação ao serviço que Cristo é anunciado por Baías como o seguidor de Deus por excelência. Agora cada se trata única/ de obediência (no cumprir dos mandam/). O seguidor de Deus é aquele q Deus chama p: cumprir o

o seu desígnio de salvação. ©

Cristo vem cumprir na sua totalidade o plano de salvação - nele o serviço é total. O serviço que é obediência à vontade do Pai leva-o ao dom total na Cruz. Por essa forma

~~Pelo seu sacrifício na Cruz,~~
forma absoluta de serviço de Deus, Cristo expia a recusa de servir dos homens e inaugura ~~uma~~ nova ~~condenação~~ condenação do serviço de Deus. O serviço é agora + claro não apenas obediente à lei, mas, transcendendo essa obediência, é 'dom generoso do amor.

O serviço agora precede a lei, supera-a, cria-a, por

meu acto de amor, attento à vontade de Deus que em cada situação desenvolve uma história santa.

O serviço de Deus, no sacrifício de Cristo, não é apenas expressão cultural mas é, de forma vivida e extrema, serviço do homem. É esse caminho q, na nova economia, torna o serviço de Deus — ele leva serviço constante, desinteressado e generoso do homem ao seu irmão.

É importante notar já missão redentora de se se exprime na Bíblia por muitas outras expressões e realidades: ele é o pastor

que dá a vida pelas suas ^(D)
brotelas, é o Messias que salvará
Israel, é o Rei poderoso que
venceu todos os seus inimigos...
Mas gradualmente calam-se todas
essas profecias e apenas uma
continua a ressoar: ele é o
Reiidor que sofre...

Cristo é o "Reiidor de Adão" — a recusa
de ^{de Adão} ^{de Cristo} o dom total no serviço de
Deus e do homem. Ele
é assim no vértice da história
santa "não um homem de
domínio, mas um homem
de submissão e de ação
de graça, um homem de
comunhão, de consentimento
outro, ou, melhor, de consentimento



e de comunhão a Deus uns
outros, um homem do Deus
tudo em todos". (Conjar, Glise
pauvre et Revante, pp. 25)

É nessa dependência de
Deus, e, n'Ele aos homens
q̄ o ^{proprio} Cristo se situa quando
fala de Si mesmo:

"O Filho do homem não veio
para ser servido, mas para
servir e dar a sua vida."
Fundação Cuidar o Futuro
(Mc. 10, 45)

"Dei-vos o exemplo... O
servidor bom é mais do q̄ o
Mestre."
(Jo. 13, 15 ss.)

"Estou no meio de vós
como aquele q̄ serve."
(Mc. 22, 2)

Tal é o caminho aberto ^(E)
à Igreja e a cada cristão. Estar
no mundo não para ^{ser} sendo
ou dominar mas para
Revir. Pelo ~~batismo~~, todos os
E não se trata apenas aqui
de uma imposição moral
q̃ o modelo de X tornaria
mais urgente. Certo que o
modelo de Cristo é imperativo,
mas a Sua vida tem uma
significação maior do q̃ de
qualquer modelo de perfeição
moral - ele inaugura uma
economia nova, um novo
estado de coisas, ele é
garantia de novidade do
Espírito no meio dos
homens (Rom 7, 6)



No contexto da passagem de S. Marcos já citada, essa nova economia é clara/ formulada por X:

"Vós sabeis q' aqueles q' são olhados como chefes das nações comandam como mestres e q' os grandes fazem ouvir o seu poder. Não deve ser assim entre vós: pelo contrário, aquele q' quiser tornar-se grande entre vós fa-se-a' vosso servidor, e aquele q' quiser ser o primeiro entre vós fa-se-a' servo de todos".

(Mt. 10, 42-45)

Não poderia ser mais clara/ afirmada a diferença entre o critério de grandezas nas sociedades humanas e ^{o critério q' rege as} ~~nas~~ ~~nas~~ relações estabelecidas segundo o Evangelho. Aqui a verdadeira grandeza,

o primeiro lugar está recusa (†) situação e recusa atitude q o homem natural não pode deixar intuitiva/ recusa. É no abaixar, na descida, na humilhação, na kenose, exigida por todo o serviço q o cristão participa, de forma + real, na condição do próprio Cristo. Tal é recusa o caminho para participar efectiva na redenção.

Fundação "Cuidar o Futuro" envio

Todo o cristão é um deus com recuidor de Deus e dos seus irmãos - assim ele reproduz a maneira como Deus se revelou aos homens. (Ph. 2, 5-11). É de tal forma esta missão de serviço o cume da missão de X, que S. João substitui

na última Ceia, a narração
das instituições é ^{descrita} ~~narrada~~ nos 3 sinópticos,
pela narração do ^{lava-pés} ~~mandar~~
expresso em palavras e
actos o mandado novo do
amor q̄ condescende, q̄ se
humilha, q̄ leve. (Confer,
Eglise pauvre et Revivante,
p. 29).

No refero ao transpelle j
Fundação Cuidar o futuro
tem caracterizado o Concílio
a Igreja descobre-se a si mesma
portadora dessa missão de
serviço. Já na mensagem
ao mundo j marcou o início
do Concílio, os Padres Conci-
liares diziam:

" Bem longe de nos desviar
das nossas tarefas terrenas, a

nossa adesão a Cristo na fé, (6)
na esperança e no amor, compromete-nos total/ no serviço dos
nossos irmãos, a exemplo do v/
Morte "j não veio fi ser servido
mas para servir". E por isso j a
Deusa não foi feita, "para dominar,
mas para servir.

(De., 1962, col. 1409)

erg.
XIII

← Todo o cristão participa
nesta mesma missão. Pelo bap-
tismo o cristão morre com
Cristo, para o pecado. Deixa de
estar sujeito à escravidão do
pecado para se consagrar ao
serviço de Deus j, e/ Cristo,
Quá serviço dos outros homens.
O baptismo, exercitando o
cristão em Cristo, ~~totalmente~~
ontológica/ destinado
ao serviço.



É pelo baptismo que somos libertos do "corpo de pecado" (Rom. 6, 6) e "do corpo da morte" (Rom. 7, 24) para sermos enxertados no Corpo de Cristo.

Deixamos assim de nos servir a nós mesmos, como no-lo exige a natureza para servir-mos a Cristo — aquele que é baptizado entra numa nova economia que é a economia do serviço obediente. O baptismo põe ao serviço dum novo Senhor e, c/ Ele, ao serviço da Igreja que é o seu corpo e do mundo que por Ele é feito e sustentado.

Pelo baptismo cada cristão ~~recebe~~ passa a viver pelo Espírito — os seus naturais recebidos, os a cont-

cimentos da Sua vida q̄ a (H)
ela se incorporam sua, pela
novidade do Espírito, outros
tantos carismas, todos eles di-
ferentes e únicos, mas todos
orientados para o crescimento
do corpo (Ef. 4, 16), através
do exercício do (ministério ou
serviço. ^(pronto a ajudar a desenvolver) Desse serviço vai de-
pender o cresci/ orgânico do
corpo até q̄ se atinja a plenitude
do Cristo.

Pelo baptismo entra também
o cristão numa relação nova
com o mundo — toda a sua
vida é marcada por uma
missão de participação na
obra redentora de Cristo.
E essa missão vai realizar-se
da mesma forma ^{pela} ~~por~~ ^{de} Cristo ~~religiosa~~

o mundo - não pelo poder
nem pela espada nem pelo
prestígio nem pelo sucesso; mas
pelo serviço. A este mesmo
mundo q' Deus trouxe consigo j'
lhe enviou o Seu Filho único -
o cristão fica vinculado pelo
baptismo de uma forma q' é
idêntica à do próprio Cristo.
Assim "o lugar do baptizado
é onde quer que o mundo
haja necessidade de serviço,
porque o baptizado, tal
como o seu Senhor, é
um servidor." (Laity, May 63,
pg. 17)

Tal é a orientação q̄ deve ^(I)
tomar a vida do apóstolo leigo
- e tal deve ser a primeira
coordenada da sua formação.
Como consegui-lo?

Em primeiro lugar, pela
descoberta vivida deste dado
fundamental da Revelação
e da Pessoa de Cristo no
Plano da Salvação - Cristo é o
servidor de Deus e dos homens.

Depois, tomando consciência
dos apelos de serviço q̄ vêm
do mundo tal como ele é
na época em q̄ vivemos.

Essa tomada de consciência
não pode, porém, proces-
sar-se unicamente a partir
de um conhecimento teórico

e especulativo das realidades.
É no contacto directo of as
necessidades do mundo, é
na esforço para descobrir
ou reconhecer essas neces-
sidades q̄ a atitude de
serviço começa a ser autên-
tica. Se-lo-á total
quando marcar de forma
decisiva toda a inserção do
cristão no mundo. Se-lo-á

~~quando todas as comuni-
dades cristãs incluírem
estruturas de serviço como
meios normais de formação.~~

O serviço implica, uma
dimensão de realismo
q̄ só a plena maturidade

permite reconhecer e acei-⁽⁷⁾
tar. Quem vive à maneira
de Cristo, insere-se na condi-
ção limitada da sua esfera
de ação, submete-se às
fronteiras das suas capa-
cidades e da tarefa a rea-
lizar, reconhece uma lei
de incarnação como essen-
cial à redenção. ~~Tal~~

~~reconhecimento impedirá
o fenômeno comum dos
burocratas do apostolado
que é indefinida pro-
clama princípios cuja
aplicação prática não veri-
ficou.~~ ~~Não apita bandeiras
revolucionárias como~~

A formação numa
atitude de serviço não se
improvisa. É atitude a
criar e a fomentar desde
a infância — e aqui, co-
mo nos outros aspectos,
desenvolvi-me a seguir,
muito haveria a dizer
sobre a função da fa-
mília no desenvolvi-
mento desta atitude.

É atitude a explicitar
em todas as fases da
vida — a orientação do
estudo do adolescente
para uma realidade
de serviço, a escolha
e o cumprimento de

uma profissão em fun-^(K)
ção do serviço q̄ cada pres-
tar aos outros homens.

O q̄ importa, em todas
as ~~formas~~^{formas} possíveis de
formação de apóstolos
leigos é ~~total~~ denun-
ciar o aparente paradoxo
entre a realização pessoal
e o serviço dos outros. Só
é possível uma total dese-
brochar e uma firme-
za rica no plano
pessoal quando a rela-
ção-ao-outros interfere
na própria definição



Assim o q̄ todas as
n/estruturas eclesioló-
gicas devem ajudar a
desenvolver, mas por
moralização, mas pela
sua própria existência,
é q̄ o padrão, o crí-
tério, de uma vida
humana realizada
não é o sucesso, a ~~efi-~~
~~ciência~~ a ~~simples~~ ~~relax~~
as coisas, mas o
serviço prestado. ~~Se~~
~~esse serviço se ab-~~
Que o serviço exige
o rigor e a eficácia
é evidente mas nunca

podem ser-lhes sacrifici- (4)
cado.

[A dificuldade existente
em termos esta coordena-
da de serviço como
critério das estruturas
eclesiais é talvez
conhecida no problema
já discutido das insti-
tuições católicas.]



Não só a psicologia nos
afirma de forma categórica
esta relação como o ca-
mítilo da teologia nova
nos orientam nesse sentido.
Como acentua o P.^o Conger,
"Para a Igreja, como
para cada um de nós,
~~tal~~ ^{estes} ~~estados~~ ^{são} não consiste
em ~~em~~ ^{ela} seja ela
própria, mas em ^{que}
realize a verdade de
sua relação com os outros."

4

b) a participação na
comunhão da Trindade e
na comunidade do povo de
Deus



Falamos da dimensão
de serviço do Corpo de
Cristo. Importa ver a raiz
desse serviço e as formas
de o alimentar e estruturar.

Fundação Cuidar o Futuro

A comunhão com Deus
não é explícita / referida
no AT. Podemos até di-
zer que em certa medida
é estranha. Contra-
ria às religiões misteriosas
que através de vários ritos
satisfariam a necessidade

de comunhão e/ a di-
vidade presente em todos
os homens, o judaísmo
mantém uma grande "resi-
va" em relação a Yahweh.
Deus não é "visto", a sua
passagem euclíde de temor.
Tal pedagogia era necessária
para a purificação do seu
desejo natural. Mas, ao
mesmo tempo, Deus propõe
a Israel o caminho onde
se realiza já uma certa
comunhão. Ao estabelecer
e/ o seu povo a Aliança,
Deus quer um encontro
(Am. 32, 2) "deseja guel-
o seu coração" (Os. 2, 16).

Educação longa / mas 2
múltiplas presenças 2 das 9
Noíes (Ex. 19, 20; 24, 12-18).
É na Lei q̄ (Dt. 24, 8; Lv. 19, 2)
q̄ Israel aprende a forma
de entrar em relação
de Deus, de O encontrar e de
O lhe amar (Ps. 119). Ao
longo de toda a sua história
Israel procura uma cidade
que O reconheça e reco-
nhecendo Deus nas man-
vilhas da criação e bendi-
zendo-O por isso quer
pedindo angustiada / a
sua presença. Israel começa
a descobrir q̄ a fidelidade
à aliança não se ca-
milha p̄ a comunidade d'

Fundação Cuidar o Futuro



Deus como é comunicado para
a comunidade de pensamento
e de vida entre todo o povo.
A fidelidade a Deus inclui
uma solidariedade fund-
amental com os outros (Dt. 22, 1-4),
especialmente com os pobres (Dt. 24, 19ss.)

O que a história de Israel
preparou para a sua comunidade
todo este tempo. Pela sua
participação na natureza
divina, 2.º Lessor de Trindade
X, "o primogênito de muitos
irmãos", torna o desejo de
comunidade com Deus uma
realidade. (He 2, 14; II Ped. 1, 4)

O cristão pela fé e pelo ³
baptismo participa
mistérios de X — não só morto
pelo pecado ressuscitou
e fez a vida ~~de~~ ~~fé~~ ~~na~~
nova (Rom, 6,3; Ef. 2,5)
nas H. os seus sepulchros
e a sua própria morte o
assimilam a morte e ressur.
de X (1 Cor, 4,14; Rom 8,17;
Ph, 3,10)

A comunhão de X nos
seus mistérios é a base
fundamental da comuni-
hão do Pai pelo poder
do Espírito. Nessa parti-
cipação na vida da Trindade

na comunhão do Pai e do
Filho e o Espírito, realiza-se
a aspiração + fundação de
Israel e de todo o mundo:
"estar c/o Senhor, sempre"
(I Th 4, 17; Jo. 17, 24).

[Voc. Théol. Bibl., 148-149]

Esta comunhão não
a quis estabelecer o Senhor
de forma individualizada
entre cada homem e a
Trindade. O desígnio de
salvação de Deus comporta
como seu objecto ^o seu
povo, que ^o dizer, o
homens ^{unidos} numa íntima
relação de solidariedade.

É este Povo q é definido ⁴
na Constituição conciliar da
Igreja. Todos os outros tipos
da Igreja usados na Bíblia
expressam ^{como o tipo do Povo de Deus} a comunhão q
Cristo, o dom gratuito de
Deus, a sua iniciativa
no estabelecimento da aliança,
mas é este conceito q ex-
prime, de forma + evidente
a solidariedade entre os
membros, a relação late-
ral, a fraternidade, a
comum responsabilidade
peleante um mundo a
seu vir e a salvar. Falar
de Povo de Deus e fu-

vale a falar numa cul-
tura q̄ esse povo gera,
numa história q̄ esse
povo desenha e em
q̄ se movimenta. Não
admirava q̄ a consiência
renovada de uma Igreja
no mundo e p.^o o mundo
seja levado os Padres
Conciliares a reconhecerem
esse carácter da Igreja
tal qual expresso no
conceito de Povo de Deus.
— "que povo q̄ junto de os
outros homens deve
ser o cuidado do mundo
de modo a torná-lo habitá-

vel e susceptível de ser 5
tomado no Reino de Deus
em de vir". (Prof. Groot,
conferência: "The Church as
the People of God", Tiltbury,
Julho 65).



~~O Mistério da~~

A vida cristã é ~~assim~~
inefensável fora desta relação
de comunhão. ~~Comunhão~~
com a ~~Trindade~~ ^{Deus} pelo
Espírito e, assim, comu-
nhado dos homens uns
com os outros. (~~I Jo. 1, 3~~)

A vida em comunhão
é assim, em 1.º lugar,
uma vida em comunhão

com Cristo, por Ele, e/ o Pai
- é uma graça, um dom,
um carisma. Esta relação
e/ Deus gera a possibili-
dade ~~e~~, em virtude do
mesmo Espírito, de uma
relação, no plano hori-
zontal, entre os homens
- a "communio fidelium".

Fundação Cuidar o Futuro
A relação entre ~~estas~~
duas dimensões é evidente:
não há comunhão fraternal
e/ não nasce da comunhão
e/ Cristo e entre e/ o Pai.
(I Jo, 1,3) "A comunhão
entre nós é comunhão
e/ o Pai e e/ o seu Filho X."

As th. recíprocas não ⁶
há comunhão e/ o Pai q̄
se não exprima em comu-
nhão fraterna: "porque
aquele q̄ não ama o seu
irmão q̄ ~~ele~~ vê não podendo
amar Deus q̄ não vê."
(1 Jo. 4, 20)

~~Esta~~ Esta comunhão dos
fiéis, querida por Deus,
alimentada pelo Espírito,
é assim dimensão fun-
damental da vida cristã.
As suas implicações são
imensas: porq̄ é a
esta "communio sanctorum"
q̄ cabe a guarda do
depósito da Fé.

Nada existe num só (membro da Igreja q̄ não exista na "communio fidelium" q̄ é ~~assim~~ + do f̄ a ~~tota~~ lida "soma" dos cristãos. Daí a responsabilidade ~~enorme~~ q̄ cabe a cada cristão.

A formação dos apóstolos
leigos tem sido a ~~formação~~
possível a vivência e o desenvolvimento desta dimensão de comunhão.

Trata-se, por um lado, da experiência concreta da comunidade como caminho da comunhão e

7
Cua expressão imediata.
Entendim - ce como ~~fazem~~ o
parte desta realidade o
estabelecimento de relações
fraternas, de solidariedade,
de troca, de estímulo mútuo.
Pela própria ~~fundamento~~
da comunidade a comu-
nhad de Deus e o Seu
Povo — atraioar - ce - ia
esse valor custado sempre
e se constituíssem grupos
fechados, isolados, presos
nos ghettos e seus ritos,
seus dogmas, seu inevi-
tável orgulho de casta.
A comunidade cristã
cabe - ce, por definição,

nao só sempre aberta
como, mais ainda, com
fronteiras rigorosa/ defi-
nidas.

Ora a tentação do ghetto
espreita todas as tentativas
de comunidade. A tentação
só será vencida na medida
em q̄ a comunidade viver
verdadeira/ ancorada na
sua dimensão vertical - a
relação comunitária de Deus.

P.^a além desta relação
a criar constantemente, a fort-
lecer através das formas
requeridas pelo n/ tempo,
- por diferentes q̄ as
estruturas psicológicas q̄

explicitam em épocas 8
diferentes a mesma reali-
dade fundamental — a
participação do cristão no
"communio fidelium"
refuer ainda um afuente
de fé, de juízo, de critério,
q̄ é objecto c.º da formação.

Se sempre na Tradição da
Igreja, o "consensus fidelium"
teve um valor (normativo
indiscutível. A redescoberta
da Igreja como Povo de Deus
— povo estruturado eubora
desde o início ~~mas sempre~~
~~povo vivo todo~~ — dá a
esse "consensus" renovada
importância. É, ~~sem dú-~~
~~vida, legítima a reacção de~~

~~certo cristão perante
os casos de exercício de
uma autoridade na
Igreja q se não exercera
na base do "consensus
fidelium". Em certo sen-
tido, seria de esperar
q em cada Igreja local,
cada "definição" viada de
autoridade tivesse a sus-
tentação a experiência de
vida da comunidade cristã.~~

— A responsabilidade
de todo o Povo de Deus
forma-se assim tão ampla
q a pureza de intenção
sem como a rectidão

de juízo devidas ser 9
especial/ cuidados. Pode
dizer-se q̄ o método básico
de "ver, julgar e agir",
tão próprio da Acção Cató-
lica, bem como "a
revisão de vida" hoje usada
nas mais diversas estru-
turas são instrumentos
de formação constante
neste domínio.



~~As~~, Para q̄ a co-
munião seja real e
autêntica, cada cristão
deve situar-se na
verdade do seu cris-
tianismo, deve ser
capaz do testemunho.

Fundação Cuidar o Futuro



c) Testemunho da Boa Nova ①
de Jesus Cristo morto e ressuscitado

~~O facto e O conceito de~~
testemunho e os factos q̄ o
exprimem são tão correntes
em toda a Revelação q̄ é
possível dizer q̄ o Cristianis-
mo "é uma economia do
testemunho" (Fidélité biblique)
Da verdade, Deus dá teste
munho da sua própria
fidelidade, "Testemunhar
é afirmar a realidade de
um facto, dando à afir-
mação toda a solenidade
q̄ exigem as circunstâncias".
Deus dá testemunho do

facto fundamental da
história do Povo escolhido
— a Aliança — através de
sinais bem visíveis.

É assim que as tábuas
da Lei são chamadas "o
Testemunho" (Ex. 25, 16);
a Arca onde são colocadas
é a "Arca do Testemunho"
(Ex. 25, 22); o Tabernáculo
torna-se a morada (templo)
do Testemunho (Ex. 38, 21).

Como esses sinais não
chegavam, o testemunho
de Deus far-se ouvia
também através dos
homens. É o caso dos
profetas. Eles reafirmam

a fidelidade de Deus à Aliança e a infidelidade de Israel quebrada (Jr. 29, 29). Deus escolhe os testemunhas fiéis, como David (Sl. 89, 37 ; Is 12, 5) e é testemunha perante as nações (Is. 55, 4).

É esse testemunho perante as nações (Is 43, 10 ; 44, 8) e far de Israel um povo escolhido, e deve ter a capacidade de afirmar ~~para~~ diante dos homens que só Javé é Deus.

Deus dá o testemunho de si próprio

e da sua fidelidade es-
tabelecendo a Nova Aliança
~~ao seu Filho Jesus Cristo~~
na Pessoa do Verbo
Encarnado.

É a testemunha
fiel por excelência, q̄
vem ao mundo para
afirmar esse facto:

Deus não tem um futuro

Seu povo de um amor
gratuito q̄ só se consu-
mará na unidade final.

(Ap. 1,5; 3,14). É assim q̄
S. João pode dizer q̄
vem ao mundo para
dar testemunho & verdade
(Jo. 18,37).



~~A sua vida do do
bra-se assim em~~

Esse testemunho da
verdade é um testemu-
nho da própria realidade
divina — do q̄ o Filho
vid e ouviu junto do Pai
(Jo. 3, 11 ; 32 ss.), do q̄ Ele
próprio é (Jo. 8, 13) — e
um testemunho contra o
mal no mundo (Jo. 7, 7).

~~Todos os atos da vida~~
~~de~~ O testemunho que
fzemos diante de Pilatos
(I Tim. 6, 3) atinge o fim
último do testemunho;
afirma e torna manifesto
o Plano da Salvação (I Tim. 2, 6).

Este é o cerne do teste-
múnho — pelo dom da
própria vida, a afirmação
do desígnio divino sobre
todas as coisas, da rea-
lidade religiosa do universo
e da vida. Por si só esse
testemunho bastaria. Mas
~~ele é completado por um~~
~~feixe de testemú~~ ele é
Fundação Cuidar o Futuro
enquadrado por toda
uma cadeia de testemú-
nhos q̄ o preparam uns,
dele decorrem outros.

Assim o testemunho de
João Baptista (Jo. 1, 6 ; 3, 26 ;
5, 33-36) preparando o
caminho do Senhor;

o testemunho das próprias (4)
actos da vida de X, todos
eles ligados ao aconteci-
mento central da sua
missão (Jo. 5, 36; 10, 25);
o testemunho do Pai (Jo.
5, 31; 8, 16) manifestado
pelo testemunho das Eseri-
turas (Jo. 5, 39; H. 7, 8);
o testemunho do Espírito
habitando em nós como
garantia permanente do
testemunho de Cristo
(Jo. 15, 26; Rom. 8, 6).

(Vocabulaire de Théologie
Biblique, 1035-1037)



Nesta nova economia do
testemunho, da afirmação
da verdade, situa-se a vida
cristã. Na Igreja primi-
tiva o testemunho toma
a forma concreta de pregação
do Evangelho — os Actos
dos Apóstolos são a narração
circunstanciada de todas
as ocasiões em q̄ os Apóstolos
afirmam (coleram) diante dos
homens todos os factos q̄ acon-
teceram desde o baptismo
de João até à Accusação
especial/ o facto central
da morte e ressurreição
de X. É nesse elemento
de construção afirmativa
da verdade q̄ se situa

o martírio, forma su-
prema do testemunho,
~~é colar~~



A vida cristã guiada
por uma economia de
testemunho será, em
1.º lugar, uma vida de
fidelidade e de manifi-
estação do Plano de
Salvação. O cristão reve-
lará pela harmonia de
sua vida, pela coerência
fundamental dos seus
actos, e os seus gestos
serão cada um deles, e
se insuerevem numa
realidade de Fé, numa

trajectória de vida queimada
por Deus. Será, antes
de mais, uma vida reli-
giosa da vida e de tudo
o que ela implica. E será,
de forma mais directa,
uma referência actual
ao Mistério central da
morte e ressurreição de X.
O cristão, pelo seu
baptismo, é chamado a
afirmar, ~~por~~ em toda
a sua vida, a centralidade
do Mistério Pascal. O que
ele deve tornar visível
"perante as nações" é a
condição histórica do

Cristianismo, é a (6)
verdade do facto histórico
de X morto e ressuscitado.
Tal testemunho se quer
tantas formas quantas as
situações concretas em q̄ o
estado se encontra, revelando
sempre que a lei fundamental
da vida é a passagem da
Cristianismo para o futuro
destas para a luz, das
menos para um melhor.

Como se processa a for-
mação desta atitude?

Talvez possamos dizer
q̄ a atitude capaz de
testemunho é a q̄ mais

exige no plano de sua
formação humana
prévia. Se é certo q̄ a
Fé transcende a natu-
reza, não é menos certo
q̄ a cupõe. O homem
capaz de dar testemu-
nho de Deus é tb. o
homem capaz de dar
testemunho do Deus ir-
racional. O homem capaz
de afirmar perante as
crianças a realidade salva-
dora do amor de Deus
é o mesmo homem
que é capaz de uma
fidelidade seu governo


nos afectos e de um (7)
continuidade sem desvios
na acção.

Ele terá a par de atesta-
r-lhe todas as coordenadas
do momento histórico a
presença de Deus. O seu
testemunho, longe de ser
uma afirmação de Deus
contra o humano, será,
pelo contrário, uma atença
viva ao desenrolar da
História Santa nos acon-
tecimentos da ^{história} ~~vida~~ dos
homens. O cristão q dá
testemunho de Cristo

é capaz de "baptisar"
todos os esforços humanos
q̄ implícitas ou explícitas
anunciam a Revelação.
Ele ajudará a levantar
o véu do acidental, oca-
sional ou arbitrário, para
revelar aos outros homens
a mão de Deus e a Sua
fidelidade na condução
do Seu Povo.

Tal atitude não se
improvisa. Toda uma
pedagogia está aí impli-
cada. Trata-se basicamente
de uma educação da ~~sensi-~~
~~bilidade~~ capacidade de

ver para além das ⑧
aparências, de preservar
o sentido escondido das
coisas e dos acontecimentos,
de examinar e esclarecer
a história dos homens à
luz da Palavra.

Para o poder fazer, é
necessária uma dimensão
humana. 
Fundação Cidade Futuro
e todas as formas de
desenvolvimento da perso-
nalidade ajudam a fo-
mentar. E, além
disso, é necessária uma
intimidade sempre
renovada e as Reve-
lações, quer nas suas

formas primeiras - a
Tradição e a Escritura -
mútuas se penetram e
se sustentam - quer
nas expressões actuais
da Tradição viva, o
Nasistério e a Teologia.
Seria desproporcionada
^{quer} a formação e apenas to-
marse como directivas
as lições actuais dessas
Tradição quer a e se
anquilosasse na repe-
tição de formas antigas.

É na intimidade
e a fonte da Reve-
lação q' o cristão
pode ~~abrigar~~ reali-
zar a suprema
actividade de sua
vid — a adoração
de Deus.



d) a celebração do culto espiritual e ritual

"Em hebraico um mesmo termo ('abad) designa o trabalho, o serviço e o culto. Estas três actividades constituem para o povo escolhido uma única e mesma adoração de Deus. (Fiches Bibliques, p. 3)

Tal é a perspectiva q̄ domina toda a Bíblia e toda a vida cristã no q̄ se refere à realidade do culto.

O culto ritual desenvolve-se gradualmente no AT, repleto de prescrições q̄ se

destinam a purificar a
experiência de Israel
dos elementos ^{pagãos} das religiões
vizinhas. Tal culto incluía
os sacrifícios oferecidos a
Deus e orações q̄ lhe são
dirigidos para assegurar
a Sua proteção. Os salmos
q̄ ensinam a realização
de uma proteção especial
de Deus são gradual-
mente inseridos no culto público,
fazendo um culto de
louvor e de ação de graças
às formas de p̄plica e
~~de impetração~~ até estas
usadas.

Com seus elementos de
rito e de regra, o culto fi-

cil/se torna senão uma (10)
magia — q̄ mesmo os sacer-
dotes têm o cuidado de
evitar — ao menos uma
hipocrisia. Um após outro
os profetas ^{se levantam para} ~~condenar~~ em
Israel o culto to do exterior
q̄ consiste em "fazer cari-
fícios e jejuar e q̄ ~~co-~~ co-
existe com a violação da
justiça social e do amor
do próximo." (Fid. bibl., p. 3)

(Os. 9, 4-5; Jr. 33, 11;
Yl. 1, 14)

(Am. 5, 21-24; Is. 1, 10-17;
Is. 29, 13; Os. 6, 6; Mt. 23, 1-20)

Depois do exílio, o
culto de Israel ~~se~~ prepara,
cada vez + nitidamente, na

cuja expressão ritual, o culto cristão. "É formado de hinos e de orações e os sacrifícios de expiação são marcados por uma atitude de ação de graças." (Fich. D.3)

(Sl. 51, 1-21; 35, 1-10;

Lv. 16; Ps. 40, 7-9; Ps. 50, 5-15)

Fundação Cultural o Futuro
Além de novo, a condição de participação ao culto é a caridade.

(Lv 11, 43-44; 21, 1-23;

Ex. 19, 16; Rom 12, 1-2)

O culto, antes de se exprimir num rito, é uma atitude espiritual q̄ torna o rito possível e

lhe dá significado. (11)

No N. T. este culto todo es-
piritual vai opor-se aos
cultos antigos. O culto tor-
na-se exclusivo/ um culto
"em espírito e em verdade".

(Jo. 4, 21-24; Mt. 9, 13;
Lc. 11, 41-42) S. Paulo
vai dizê-lo constante/ à
comunidade cristã primi-
tiva: toda a vida cristã
animada pela caridade
é um acto de culto pres-
tado a Deus. ‡

(I Cor. 3, 16; II Cor. 6, 16;
Rom. 12, 1-13; Ph. 2, 17;
3, 3; 4, 18; III Tim. 1, 3; 4, 6)
Heb. 9, 14; 12, 28; 13, 13)

5. Pedro afirma-o tão
explícita/ e as suas pa-
lavras são, para a tra-
dição, o fundamento por
excelência do sacerdócio
dos fiéis:

"Vós mesmos, como
pedras vivas, contribuí
para a edificação dum
edifício espiritual, para um
sacerdócio, para oferecerdes
sacrifícios espirituais,
agradáveis a Deus por
Jesus Cristo." (1 Ped. 2,5)

Teólogos católicos - e
os quais o P. Caspar,
citava adiante - bem

como teólogos protestantes (12)
cada um deles em afirmar
a natureza toda espiritual
deste culto. " Trata-se
de um sacrifício de louvor,
o fruto dos lábios (Heb 13, 15),
a confissão da fé (I Ped.) e
trata-se também das obras
de misericórdia: a caridade,
a partilha dos bens, o ensi-
mo, a comunicação da verdade,
de féla palavra."

Como nota o P.^o Congar,
S. Paulo usa, para a ta-
refa do Reino & the
cake, expressões cultuais
muito fortes: liturgia,
sacrifício, oferta. "O serviço

passou de uma oferta de
coisas num templo mate-
rial, a construção, na fé
dos fiéis, de um templo
espiritual onde o homem
vivo se oferece a si pró-
prio livre e em sacrifício.

Assim o culto, ~~o sacri-
fício~~ dos cristãos - e a
função sacerdotal - que
decorre - ~~é~~ essencial/
o culto de "uma vida
pauca, religiosa, orante,
consagrada, caridosa,
misericordiosa, apostólica."
(Falons, pp. 177)

~~É neste contexto do~~ (13)
~~culto espiritual tal atitude~~
de não ter apenas uma
implicação de relação
directa ~~nesta~~ Deus — a
ela vem referir-se tam-
bém a uma relação sacri-
ficial ao mundo. "O
mundo em trabalho,
esperando a Redenção"
é assumido nesta atti-
tude cultural da Igreja.

É assim que o culto es-
piritual dos cristãos,
em vez de expressar "uma
defesa de Deus contra
dúvidas e ataques deve

expressar-se numa aben-
tura do coração à aforia
~~do~~ do mundo, incorpo-
rando-a na oferta da
vida toda a Deus. É
assim q o culto pode
^{ser} ~~ser~~, como diz S. Paulo,
"como hostia viva, santa,
agradável a Deus". ~~É~~

Fundação Cuidar o Futuro

Neste contexto de
culto espiritual situa-se
o culto de referência sa-
cramental. O culto
cristão torna-se todo ele
— e fundamental —
numa acção de graças
pela Nova Aliança q

na celebração sacri (14)
ficial se actualiza. No
culto ritual, torna ex-
pressão "concentrada o
mistério de $\bar{\gamma}$ vive a
Igreja. A Liturgia é,
na verdade, (Const. Lit. 3/10)
"o vértice para o qual
tudo converge na Igreja,
e ao mesmo tempo a
fonte donde deriva toda
a sua virtude." (...)

"É, portanto, de dignificar
(...) $\bar{\gamma}$ a paz flui sobre
nós e $\bar{\gamma}$ se alcança, de
maneira mais eficaz,

a santificação dos homens,
em Cristo e a glorificação
de Deus, para a qual
se encaminham, como
para seu fim, todas as
outras obras de Deus.

Fundação Cuidar o Futuro

A formação do cristão a uma celebração do culto torna assim ~~dois aspetos~~ duas direções finais convergentes. É em primeiro lugar uma formação do sacrifício ~~e do amor~~ — na capacidade de ser "hósta viva e santa", no desejo de se "apresentar a Deus como um sacrifício agradável"... Tal atitude vivida, porém, em sintonização ~~do~~ ^{com} o mundo e para o mundo. O cristão ~~é~~ re



Fundação Curar o Futuro

aferece a Deus não está
nunca só perante Ele
— está em comunhão e
p mundo, está básica-
mente par e os outros homens.
Estamos perante uma
existência de ~~formação~~
^{nação} no sacrifício e no dom,
na pureza de coração e
na misericórdia, mas
também na consciência
sacerdotal do cristão em
relação ao mundo. Trave
definitivas/ portas de lado
as espiritualidades de
alheamento do mundo,
de "afuente" o mundo
ou de se lhe escapar.

~~Pela~~ A formação tem (76)
de levar o cristão a com-
preender existencial \bar{q} a
sua relação ao mundo é
parte integrante da sacri-
fício apadável a Deus,
~~q~~ no cerne da sua
atitude cultural.

A justiça social e o
amor do outro \bar{q} já
já existido do culto
espiritual do AT são
afora, na economia
nova, condições indis-
pensáveis da existência
do culto sacramental.
Não admira, por isso,
 \bar{q} no tempo mesmo eu

é a Igreja nos convida a
voltar ao - no mais fi^o
Deus - ^{através do Comt. a dit.} ~~na Questua~~ - nos
seja constantes lembrado
e o verdadeiro culto apre-
ciável a Deus é o amparo
dos fracos, é a distribui-
ção das novas riquezas
pelos outros homens, é
o consolo dos oprimidos
e dos ~~distes~~ e ~~cafiem~~
por todas as privações
do corpo e do espírito.
E é nesse espírito
a 4.^a sessão do Concílio
vai começar ^{prova vel} pelo estudo
do esf. XIII - "a Igreja
no mundo deste tempo."

Não deixa, também, (17)
o culto sacramental de ~~se~~
quer uma formação bem
orientada. Mas, a for-
mação para o culto é
mesmo a "primeira esco-
la da nova vida ecist^{ca}"
como acentuou Paulo VI
ao promulgar a Constituição
da Sagrada Eucaristia. A
uma formação toda ela
dogmática, apologética,
feita de conceitos e ideias
— e se foi e ainda é ca-
racterística de certos sec-
tores da vida da Igreja —
vem substituir — e uma

Fundação Cuidar o Futuro



formação q̄ é, antes do
mais, a participação
numa vida. Ao reco-
nhecimento de j̄ Cristo
é Verdade, vem jus-
tificar-se a redescoberta
de j̄ tle é th. Caminho
e Vida. Caminho e
Vida ^{de} q̄ podemos parti-
cipar, de forma mais
profunda, pela celebração
dos Mistérios de Cristo
na sua actualização
litúrgica.

Assim, a experiência
da ~~vida~~ celebração
& liturgia é o grande

Ceio onde existencial (18)

se geram os cristãos cons-
cientes e adultos. (Todos

os sacerdotes ~~o~~ de dignidade
fazem ^{o pretexto para uma} ligação de catequese

ou de moral roubam
ao Povo de Deus os mo-

mentos mais decisivos
para a formação dos

seus membros - e nem
a própria Missão para

que foram ordenados. §
Quanto grupos de leigos

procuram criar nos seus
membros as condições

§^s uma participação
"consciente, activa, inteli-

gente e fecunda" dos seus



Fundação Cuidar o Futuro

seus membros na Litur-
gia e se vêm perante
a absurda ~~citacão~~
situação de, após uma
celebração do $\bar{\rho}$ deveria
~~ter sido~~ ser^a Vida Mesma
de Cristo, tem de ex-
plicar como "deveria
ter sido", explicação
 $\bar{\rho}$, de resto, nunca poderá
substituir a realidade
vivida. . . .)

Fundação Cuidar o Futuro

II — O processo da formação



Esboçamos as grandes linhas q̄ norteiam a formação, o conjunto de coordenadas q̄ vão servir de referencial a todas os ~~os~~ métodos de formação e a todas as actividades e iniciativas para tal formação conscientes orientadas.

~~Se essas coordenadas~~ Digo coordenadas, quer dizer, um sistema, um conjunto de realidades

que estão sempre presentes. Na sua qualidade evangélica, tais $\&$ coordenadas são, por assim dizer, imutáveis.

~~Na sua actualidade,~~
elas ~~to~~ são por essa mesma qualidade evangélica elas estão presentes de ~~uma~~ possibilidades ilimitadas de incarnação nas circunstâncias mais diversas.

Elas vão assim acompanhar toda a vida do cristão e, na sua actualização no "hic et nunc"

da situação, vad re-
querer uma formação
contínua.

Desta maneira, a
formação aparece como
um processo, uma
evolução, um desen-
volvimento.

Fundação Cuidar o Futuro



(X)

Há, sem dúvida, 2'
no conceito de "formação"
um elemento de capital
adquirido, uma decan-
tação progressiva de
experiências, conheci-
mentos e situações, que
definitivo, resultante de
uma realidade criada
q̄ uad pode ser usada
ou destruída. É legi-
timo, nessa perspectiva,
falar de aprendizagem,
de treino, de programa-
ção de formação.

Fundação Cuidar o Futuro



É legítimo falar, nessa pes-
pectiva, em aprendizagem em
treino em escola, em programa
ma.

Mas esse aspecto não é
senão uma plataforma de
partida. O essencial da for-
mação não está nessa redi-
mentação acumulada. Está,
antes, no **Fundação Guiar o Futuro**
torna operante em cada cir-
cunstância da vida. Quer
dizer, a formação é uma
realidade evolutiva, é um
dinamismo de crescimento,
é um devir, é uma possibili-
dade de tomar cada vez
mais a forma de membro

do Corpo de Cristo até q̄ seja atingida a perfeita maturidade.

1. A formação não é assim apenas um bem^a adquirir — é ~~algo~~ ^{o processo} que a pessoa pelo qual a pessoa se torna o que deve ser no Plano de Deus.

Porção da vida humana é toda ela um devir, um fazer face a realidades q̄ constantes se transformam a formação está constante/ a refazer-se. Permanece ~~blua~~ a matriz fundamental mas cada nova conjuntura ~~sem~~ pede que a

matriz e llic refira de
modo original. 2^o

Na audiência fual do
dia 18, o Santo Padre re-
ferendo-se à educação
da consciência custr
disse:

"Chejou o momento de
dar de novo à confissão
de vida custr a sua au-
tentidade, a sua inte-
gridade, a sua força e a
sua harmonie e todas
as manifestações e vida.
E isto com um estilo
novo" (DE. 65, 1450)



É este "estilo novo"
que em cada etapa
da trajetória indi-
vidual e colectiva
importa descobrir.

De forma ampla,
podemos dizer q̄ é a
"sucessão dos factores q̄
constituem o tecido
conjuntivo" da vida
q̄ ~~da~~ ^{de} a cada fase
da formação cūstā
esse "estilo novo".

da situação, vão requerer ²
uma formação contínua.

Desta ~~forma~~ ^{maneira}, a formação
aparece como um processo,
um desenvolvimento. (X)

que é intervenção de forma
decisiva ^{que} as condições de
vida tais quais se apresen-
tam ^{que} as condições criadas
sobretudo ^{com} esse objectivo. (X)

Quem intervém nesse
processo?

De forma ampla é
a própria vida que é for-
mativa, os acontecimentos,
os factos, as ideias, os
sentimentos, as relações,



o trabalho; tudo o q̄
é expressão da pessoa
num lugar e numa
história é elemento de
cisivo de formação.

Porque é na sensibilização
a toda a realidade da situação q̄ o
cristão vai encontrar o
caminho do serviço, da
comunidade, do teste-
múlio e do culto
tais como os definiu os.

Não há sucessão de
tudo esses acontecimen-
tos não é um acaso. Tudo
o q̄ existe ^{existe} no Espírito e

Este primeiro ~~fase~~ modo
de formação — a assimi-
lação de todas as expe-
riências e situações de
vida — é completada
por experiências parti-
culares orientadas para
a formação, por períodos
intensivos em q̄ cada
uma das coordenadas,
é forte e exclusiva/ex-
perimentada e em q̄ a
sua autenticidade (ne-
cessária) se impõe.

Esses "tempos fortes"
estão na base de expe-
riências comunitárias

ou de realizações de
serviço conhecidas de
quase todas as tentativas
estruturadas de apostolado
leigo. São talvez menos
frequentes os tempos
fortes relativos ao teste
mundo e ao culto, ~~mas~~ ^{mas}
nas ~~casas~~ ^{casas} ~~por~~ ^{por} ~~isso~~ ^{isso} ~~menos~~ ^{menos} necessários.

Fundação Cuidar o Futuro

~~Esta~~ necessidade de
todos esses acontecimen-
tos, experiências, tempos
fortes não é um acaso.
Tudo o que existe existe
no Espírito e

por ele subsiste. É na 3
atenção ao Espírito condu-
zindo o tempo e a história
q̄ o cristão encontra o
dinamismo renovado
para a sua própria for-
mação. É o Espírito q̄
no interior do seu cora-
ção lhe ~~apresenta~~^{purifica} a
língua fundamental
e a dizer "Abba, Pai"...

Fundação Cuidar o Futuro



A moção do Espírito
vai o cristão experimen-
tá-la nas várias esferas
da sua vida pessoal
— na intimidade do
seu coração, na sua

relação e os outros, na
sua relação ao mundo.

Assim, o processo de
formação é, em 1.º lugar,
um processo eminentemente
pessoal pelo qual a
pessoa é inteiramente res-
ponsável. Por a forma-
ção nas coordenadas da
vida cristã supor não a
aprendizagem de normas
ou conceitos mas a criação
de convicções pessoais
impregnando a vida toda,
o processo de formação
é total e inoperante onde
não houver uma decisão
pessoal, alimentada de



(X) Esta autonomia e
 identidade pessoal é fo-
 mentada no plano
 humano pela reflexão
 e no plano Cristo pela
oração. Toda a forma-
 ção q̄ não dê tempo
 para a reflexão pessoal
 q̄ Fundação Guida o Futuro todo
 adequado para a fo-
 mentar, ignora uma
 pedra essencial do edi-
 fício q̄ pretende cons-
 truir. (Anda tão longe
 de nossos hábitos essa
 reflexão pessoal q̄ rara/

em nossos encontros de
seuete comprometido no
afastado, como capa-
zes de reagir às ideias
novas q no são apre-
sentadas; continua-
mos indefinida/ a utili-
zar os mesmos "cliques"
estereotipados.")

Fundação Cuidar o Futuro

Todos sabemos como
esta capacidade de reflexão
abre caminho à oração
(e a qual de resto se não
identifica). A formação
tem de não só tornar
possível a oração mos-
trando o seu valor

→

→
mas tornando-a exis-
tencial, apetecida. Talvez
tenhamos muito a apre-
nder da forma como se
cria e propaga nas reli-
giões orientais o gosto
da oração — é porque
os homens q̄ + vejam,
os mestres espirituais,
são + felizes, + sábios,
+ cheios de serenidade
perante a vida, q̄ os
jovens desejam seguir
o mesmo caminho
e et eles o aprendem.



autonomia psicológica 4
e social. (Diga-se em
parêntesis como é falsa
a total ineficaz a for-
mação q̄ não desenvolve
essa autonomia. ~~freqüente~~
~~na forma de apóstolo lei~~)

Desse modo — e em certas
condições sociológicas — a
formação do apóstolo lei-
go deveria ^{autodeterminar} esse subs-
tratum humano de ~~esse~~
~~esse~~ auto-consciência de
decisão pessoal, de inicia-
tiva e responsabilidade.

Se atribuo este papel ~~o~~
decisivo à própria pessoa,

Nad ignoro j' ela se mo-
vimenta, se conhece, se
estrutura e define,
através de uma rede
de relações. E de j' o
Espírito — "j' enche a
terra inteira" — se faz
ouvir tb. através dessas
relações.

Fundação Cuida o Futuro
A comunidade
desempenha assim um
papel fundamental, quer
entendida no seu sentido
amplo de união de
todo o Povo de Deus
quer no sentido mais
restrito de grupo ou
estruturas particulares

dentro da Igreja. 5

As recentes aquisições relativas à dinâmica e psicologia dos grupos vão fazer com que a comunidade ~~seja~~ redobrada força. Trata-se, porém, de um domínio que mal foi ainda afluado e de que ~~é~~ possível ainda extrair lições de orientação.

Condição prévia, porém a uma ação formativa eficaz da comunidade é o clima de diálogo que impregna a comunidade.



Fundação Cuidar o Futuro

é a realidade de comuni-
dades que são a comuni-
dade concreta participativa.
A abertura mútua, o
respeito recíproco, a ex-
periência da solidarie-
dade nas grandes e pe-
quenas coisas, são outros
tantos elementos ~~para~~
~~para~~ na formação da
comunidade.

~~Esta~~ comunidade não
actua só de uma forma
global. Há nela os
outros níveis - e alguns,
por causa de uma causa
particular, estão par-

6
particular habilidades a
contribuir p^{ra} a formação
dos seus irmãos. Há a
cada um segundo os
seus talentos próprios
— um ensinando, outro
admoestando, outro ser-
vindo, mas todos parte
da vida, ~~aspirando~~
é pela vida de todas essas
influências p^{ro}postas
de forma e ~~em~~ interior
se fortalece. Enriquecedor
e proficiente.

Em condições se
processa a formação?
Afirmo já o valor fun-
damental da própria
vida no seu desenvolver

e a reflexão desse de-
sejo na luz do
Evangelho ou, de
forma + precisa, à
luz das coordenadas
evangélicas da formação.

Importa ainda acen-
tuar o q̄ deixei impli-
cito já: para além
desse "estado conjuntivo"
da vida, tem importân-
cia primordial p̄ a
formação a existência
de "tempos fortes", de
períodos intensivos
em q̄ cada uma
das coordenadas é

(XX) É indispensável ^{que} toda
a relação formativa ~~seja~~
impregnada, ~~de~~ como se
diz na Tec. Suave, de
"urbanidade, de estíma,
de simpatia e de bomorde,
tal relação exclui a con-
denação apriorística, a
polêmica ofensiva e ha-
bitual, o prurido de
falar por falar? O diálogo,
"arte de comunicação
espiritual", como lhe
chama a Tricidice,
é o instrumento hu-
mano por excelência
de fruição-em-relação.

Fundação Cuidar o Futuro



Nesse diálogo, caracte-
rizado pela sua "clarezza
mansidão, confiança e
prudência" se realiza
"a união do verdadeiro
e do carido, da inte-
ligência e do amor".

~~É o nesta união
de todos o elementos de
vida existã~~

Fundação Cuidar o Futuro

Falei de aspectos vários
da formação. Se a ne-
cessidade da análise
me obrigou a distin-
gui-los, não quero dei-
xar de acentuar ~~que~~
terminar, que eles
constituem um todo,
e eles são, mais do que
sistemas, coordenadas,
métodos, parte integran-
te e integrada de uma
vida. ~~Deixar-se-ia a~~
~~formação e o ignorasse~~
~~ou não~~ ~~seus~~ ~~vã~~
ou muito licitada a



Fundação Cuidar o Futuro

formação q̄ o ignorasse.
É na vida, ~~em~~ ^{em} uma
realidade de vida,
q̄ ~~é~~ ^é forte de uma
comunhão intensa,
orientada para o
serviço dos irmãos,
~~pronta~~ ^{fiel} no testemunho
e pronta no culto
sacrificial — e' nesa
realidade de vida,
conhecida e experi-
mentada como que
todo q̄ a formação
pode + ^{e veridica} eficaz reali-
zar-se. Paulo VI a

essa forma se refere
na Encíclica:

"O mistério da Trisagem
não é simples objecto de
conhecimento teológico;
deve ser factu vivido,
em q a alma fiel,
antes de ser capaz de
definir a Trisagem com
exactidão, a pode
aprender muita expe-
riência conatural." 4

(p. 14)



Essa integração e
totalidade de vida não
é ~~para~~ experimentada
no vazio de uma
utopia desenraizada.
Ela deve ser experi-
mentada por todos os
custos - e, talvez
especialmente por todos
os ~~custos~~ apóstolos
leigos - numa
relação de verdade
e de humildade
perante o mundo,
numa relação que

q̄ ~~explicar~~ sintetizado
de todos as angústias
e esperanças do mun-
do, ~~existão~~ inteiramente
comprometidos nelas e
capazes de se darem
totalmente ao seu serviço,
os ~~existão~~ cabem
existenciais q̄ tudo
é hipótese e só há
uma grande, única,
imensa tese q̄ ex-
plica todas as coisas.
* morto e ressurci-
tado.



É esta suprema pobreza,
no meio da fé e da
esperança mais in-
tensas q̄ tornaram
possível um paude
apóstolo leigo do n/
tempo, morto pelos
nazis durante a
guerra, encarcerado na
prisão que se
encontrava:

"Venha a nós o
Vosso reino!"

Esta oração, a alma
piedosa daquele q̄
teme o mundo e lhe
foge, não a sabe for-
mular. tão pouco é
capaz de a dizer o
crítico, o exaltado, o
reformador revolucio-
nário deste mundo.
Esta oração só pode ser
rezada pela comuni-
dade dos filhos da
terra, q̄ se não isolam,
que não têm cufestões

^{ideais}
~~ideais~~ ~~para~~ a fazer
para melhorar as
coisas, e não são
eles próprios me-
lhores do q̄o mundo,
mas q̄ no ~~o~~ meio
do mundo, no meio
do mundo, no futu-
diário do mundo,
cujos a ele, em
conjunto perseveram
(por ^e assim? ^{ca}
maravilhosa / féis à
existência) e cheios
de esperança fixam

os seus olhos sobre
este lugar singular
do mundo, este lugar
único onde, no
meio deste mundo-
em-afonia, em pedaços,
com fome e sede,
se manifesta a sede
q' j'oad' crei a semur
reip de Jesus Cristo.

Fundação Cuidar o Futuro



→ com retracção de
tempo forte

→ personalismo:

|| eu - e/ou outros - no mundo

vida-em-equipa

Fundação Cultural do Futuro

formação pessoal

força dinâmica do

grupos